

Quando o ensino vira tema de pesquisa: o ensino de História na Pós-Graduação em História

Ricardo de Aguiar Pacheco*
Helenice Rocha**

Resumo: O uso do termo “Ensino de História” como expressão de uma área de pesquisa é observável em diferentes contextos do campo acadêmico nacional. Neste artigo desejamos refletir especificamente sobre a emergência e consolidação do que estamos chamando de “Subárea do Ensino de História” no interior da “Área de História.” Mais precisamente, nos interessa evidenciar o surgimento e crescimento do uso do termo Ensino de História no interior dos programas de Pós-Graduação avaliados pela Área de História da Capes nos últimos quinze anos. Tomando por base os dados e informações oferecidos pelos programas de Pós-Graduação em História na Plataforma Sucupira, realizamos levantamento e sistematização da ocorrência. No artigo identificamos que esse tema se consolida como uma vertente de pesquisa no interior de programas de Pós-Graduação em História com características, objetos e abordagens próprias.

Palavras-chave: Ensino de história. Pós-Graduação. Linha de pesquisa.

A emergência do termo “Ensino de História” como designação de uma área de pesquisa é observável em diferentes contextos e

* Doutor em História e Professor Adjunto da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. E-mail: pacheco_ricardo@yahoo.com.br

** Historiadora e Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense. Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: helarocha@gmail.com

levantamentos do campo acadêmico nacional. Podemos encontrar o termo “Ensino de História” tanto na nomeação e descrição de grupos de pesquisa chancelados pelo CNPq como em áreas de concentração e linhas de pesquisa dos programas de pós-graduações. Este artigo se propõe a apresentar um conjunto de dados empíricos que evidenciem como a pesquisa sobre o processo social que envolve a transmissão e apropriação de conhecimentos históricos tem se materializado nos Programas de Pós-Graduação em História (PPGHs) no Brasil nesse início do século XXI.

Os processos de transmissão e apropriação de conhecimento histórico na sociedade se operam em diferentes contextos e instituições, sendo a escola o espaço formal designado para esse fim. As interpretações do passado estão materializadas em espaços como os museus e sítios históricos. Elas fazem uso de linguagens como o cinema e as manifestações culturais, traduzindo diferentes usos do passado (HARTOG, 2013). Se subordinam ou se contrapõem a diferentes projetos de sociedade, como evidenciam as lutas curriculares do Brasil contemporâneo.

Tais processos se tornaram objeto de reflexão sistemática de um grupo cada vez maior de pesquisadores ligados à Área de História e Educação, o que é concretizado em publicações como a de Circe Bittencourt (2009), que revisa argumentos do debate sobre o campo. Obras de sistematização do debate, como a de Selva Guimarães e Marcos Silva (2014), que elencam desafios vencidos e por enfrentar. Diversos outros autores apresentam estudos de fôlego explorando abordagens metodológicas para orientar as atividades de ensino tais como as de Maria Auxiliadora Schmidt (2010) e Katia Abud (2010). Em paralelo, a formação dos professores de história é objeto de pesquisadores como Ana Maria Monteiro (2007). Entre outros autores de um campo que se expande expressivamente, especialmente a partir do século XXI.

Nas últimas décadas também se consolidaram ao menos dois eventos acadêmicos de nível nacional voltados ao tema do Ensino de História. O Encontro Nacional de Pesquisadores em Ensino de

História e o Perspectivas do Ensino de História que, em suas reuniões, aglutinam um número cada vez maior de investigadores em diferentes níveis de formação. Além de incontáveis eventos locais e regionais. Muitas dessas reuniões nos deixaram a publicação de obras coletivas que reúnem artigos ali apresentados, evidenciando a ampliação do debate e a sua diversificação.

Mesmo antes de se constituir como linha de pesquisa em programas de Pós-Graduação, o tema já mobilizava pesquisadores da Educação e da História preocupados com a complexidade de tal processo, sua interface com aspectos políticos, pedagógicos, históricos, psicológicos, entre outros. Vale registrar que os processos de transmissão do conhecimento histórico já são objeto de pesquisa em programas de pós-graduação em Educação há algumas décadas, resultando em dissertações e teses, artigos e livros. Pesquisas como a de Flavia Caimi (2001) evidenciam essa distribuição e os temas de pesquisa que foram privilegiados ao longo do tempo. A pesquisadora registra, no final do século XX, um número expressivo de pesquisas sobre o Ensino de História na Área de Educação, e quantidade proporcionalmente menor na Pós-Graduação em História.

Entretanto, e é a esse fenômeno que iremos nos dedicar, vem ocorrendo um crescimento da pesquisa sobre o Ensino de História no interior dos PPGHs. Buscando utilizar os referenciais teóricos e metodológicos dessa disciplina acadêmica na interface com a Educação, compreendemos que esse crescimento representa a constituição de um “campo” ou subcampo – utilizando a terminologia de Pierre Bourdieu – ou subárea – utilizando a terminologia do CNPq – da História. Desejamos aqui evidenciar que, sem ambicionar a exclusividade temática, mas a especificidade da abordagem, tal movimento carrega implicações epistemológicas e políticas relevantes para a Pós-Graduação em História.

Num tempo em que o conhecimento – seja na forma de ciência, tecnologia, informação ou simples opinião – circula livremente na sociedade, o cuidado com os seus processos de difusão se impõe. Por isso, consolidar a pesquisa sobre o “Ensino de...” tem

sido a preocupação de um número cada vez maior de pesquisadores originários de diferentes campos de conhecimento. Evidência dessa particularidade é que a Capes constituiu, no ano de 2011, o Comitê de Avaliação dos Programas de Pós-Graduação da “Área de Ensino”, que já conta com 139 Programas. Praticamente todos voltados ao ensino das disciplinas exatas ou da natureza. O que sugere a pertinência do tema de pesquisa do “Ensino de História” no interior da Área de História.

Neste artigo desejamos refletir especificamente sobre a emergência e consolidação do que estamos chamando de Subárea do Ensino de História no interior da Área de História. Mais precisamente, nos interessa evidenciar o surgimento e crescimento do uso do termo Ensino de História no interior dos programas de pós-graduação avaliados pela Área de História da Capes nos últimos quinze anos. Desejamos perceber que tipo de objeto de pesquisa, de abordagens, ou pensamento científico são nomeados por este termo nos Programas de Pós-Graduação em História (PPGHs).

Para isso foi realizado o levantamento e a tabulação das informações prestadas pelos PPGHs na Plataforma Sucupira tomando por base os relatórios apresentados no ano de 2015. As informações constantes da Plataforma Sucupira nos permitem conhecer o número de programas de pós-graduação do país e suas características gerais. Assim iniciamos nossa observação fazendo uma sistematização de alguns recortes obtidos nesta base de dados. De forma secundária foram utilizadas as informações constantes nos websites de cada programa onde pudemos conhecer o uso do termo Ensino de História no interior da área de história. Também foram consultadas as bases da Plataforma Lattes e do Diretório de Grupos de Pesquisa para busca de dados complementares dos pesquisadores ligados a temática.

Na sistematização destes dados realizamos, primeiro, uma organização quantitativa observando números absolutos e relativos frente a alguns indicadores – números de programas, de áreas, linhas, docentes e dissertações – e, posteriormente, uma análise qualitativa das descrições das áreas de concentração, das linhas de pesquisa voltadas ao tema do Ensino de História dentro dos PPGHs e das

dissertações produzidas no seu interior. No último momento deste artigo visitamos os Currículos Lattes dos docentes ligados a estas linhas de pesquisa procurando perceber as características mais gerais das pesquisas desenvolvidas.

Logo, é importante ressaltar que todos estes dados foram obtidos em bases de dados dinâmicas e instáveis sujeitas a mudanças constantes com o acréscimo ou substituição de informações por parte dos agentes que as alimentam. O nosso resultado, portanto, aponta mais para os contornos e possibilidades de um jovem campo do que para uma radiografia nítida de um campo estabelecido.

55

As evidências de um campo de pesquisa

A Plataforma Sucupira é a base de dados desenvolvida pela Capes que reúne e apresenta ao público o conjunto de dados e informações sobre a pós-graduação no Brasil. Nela podem ser realizadas consultas sobre diferentes aspectos do sistema da pós-graduação brasileira.

Quadro 1 – PPGs avaliados pela área de História da Capes em 2015

	PPGHs (Área de Avaliação: história; em funcionamento; 2015)	PPGHs Com linha de pesquisa sobre ensino de história	Percentuais
PGHs Acadêmicos	61	08	13%
PGHs Profissionais	08	06	75%
PGH Profissionais em Rede	12	12	100%
Total	81	26	32%

Fonte: Plataforma Sucupira, 2016. Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>>.

No Quadro 1 sistematizamos os dados obtidos na Plataforma Sucupira através da consulta ao quadro dos “Dados Cadastrais do Programa.” Refinando a consulta para a “Área de História” somos informados que, no ano de 2015, havia 81 programas de pós-graduação ligados a ela. Destes, 61 programas ofereciam o curso de mestrado e doutorado acadêmico e 20 o curso de mestrado profissional, sendo 12 destes em uma rede.

Ainda na Plataforma Sucupira é possível consultar o quadro “Linhas de Pesquisa.” Nesse universo de pesquisa vemos que, dos 81 PPGHs, 26 possuem ao menos uma linha de pesquisa voltada ao Ensino de História. Neste recorte de pesquisa vemos que 8 oferecem o curso de mestrado acadêmico e 18 o curso de mestrado profissional. Entre os mestrados profissionais temos a inclusão do ProfHistória, programa em rede, que no ano de 2015 articulava 12 instituições.

O Quadro 1 apresenta algumas evidências factuais sobre o uso do termo Ensino de História na área de história. A primeira delas diz da amplitude do termo no campo. Entendemos que a abertura de linhas de pesquisa voltadas ao tema demarca que estes programas de Pós-graduação possuem docentes como interesse por projetos de pesquisa que – para além dos temas da tradição historiográfica – tratem de formas específicas de usos do passado. São programas que possuem docentes e grupos de pesquisa que se ocupam dos processos de difusão e de apropriação dos conhecimentos históricos em processos de ensino formal ou informal, em veículos de mediações culturais em torno da História.

Os percentuais do Quadro 1 indicam que, no ano de 2015, 32% do PPGHs abrigam linhas de pesquisa sobre o Ensino de História. O tema Ensino de História era objeto de interesse de linhas de pesquisa em 13% dos programas com mestrado e doutorados acadêmicos e 75% dos mestrados profissionais. Sendo o tema único do programa em rede da área.

Observamos que o tema do Ensino de História se desenvolve tanto em cursos de mestrado e doutorado acadêmicos como em mestrados profissionais. Sem desejar estabelecer distinção entre estas duas categorias de mestrado, é possível afirmar que a área de história entende ser possível desenvolver tanto estudos acadêmicos sobre o Ensino de História quanto estudos que possibilitem o aprofundamento da formação dos profissionais do ensino básico que atuam com História, materializadas em dissertações e produções de natureza didática sustentadas teoricamente, nos cursos acadêmicos e profissionais, respectivamente.

No caso específico do ProfHistória, o mestrado profissional em rede nacional, o tema do Ensino de História foi o eixo mobilizador de sua área de concentração. Seu processo de avaliação é unificado nacionalmente, mas os alunos aprovados são inscritos em cada universidade que compõe a rede, realizando ali suas disciplinas, orientação e conclusão do curso.

No Quadro 2 organizamos as informações básicas sobre as 26 instituições que têm PPGHs onde existem linha de pesquisa voltadas ao Ensino de História. Tomando por base as informações da Plataforma Sucupira referentes ao ano de 2015 tabulamos: o nome da universidade que o sedia, a sua categoria, sua nota na avaliação de 2013, a data de criação do programa, a data de criação da linha de ensino, o nome da área de concentração, o nome da linha de pesquisa que aborda o ensino.

Quadro 2 – Recorte da Análise

IES	Categoria	Nota	Criação PGH	Criação da Linha	Área de Concentração	Linha de Ensino
UFPB	Acad.	3	05/11/2004	2005	História e Cultura Histórica	Ensino de História e Saberes Históricos
UEL	Acad.	3	01/06/2006	2007	História Social	História e Ensino
UFG	Acad.	5	01/01/1972	2008	Cultura, Fronteiras e Identidades	Fronteiras, Interculturalidades E Ensino de História
UFMT	Acad.	4	09/12/2010	2012	Territórios e Fronteiras	Ensino de História, Memória e Patrimônio
FURG	Prof.	3	14/12/2011	01/01/2012	História, pesquisa e vivências de ensino-aprendizagem	Prática e pesquisa no Ensino de História
						Campos e linguagens da História
UNIRIO	Acad.	4	21/11/2006	01/01/2013	História Social	Patrimônio, Ensino de História e Historiografia

UERJ	Acad.	4	31/01/2006	28/02/2013	História Social	Historiografia e Ensino de História
UCS	Prof.	3	21/08/2012	01/01/2013	Ensino de História.	Linguagens e Cultura no Ensino de História Fontes e Acervos na Pesquisa e Docência em História
UFRB	Prof.	3	03/06/2013	01/01/2013	História da África, da diáspora e dos povos indígenas	Ensino de História, Educação Inter-Etnica e Movimentos Sociais
UEMA	Prof.	3	03/07/2013	01/01/2013	História Ensino e Narrativas	Memória e Identidades Historiografia e Linguagens
UFV	Prof.	3	03/07/2013	01/01/2014	Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania	Educação e Patrimônio.

UFT							Saberes Históricos no Espaço Escolar
PUCRIO							
UDESC							
UERJ							
UFSC							
UFMS		4	02/08/2013	01/08/2014			Linguagens e Narrativas Históricas: Produção e Difusão
UNIRIO							
UFRJ							
FURG							
UFRGS							
UFF							
UFRRJ							Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória
UFG Catalão		3	03/07/2013	14/08/2014			Cultura, Linguagens E Ensino de História;
UFMG		3	21/11/2006	12/05/2015			História, Sociedade E Práticas Educativas
UFRPE		3	31/01/2006	03/08/2015			História Cultural das Práticas Educativas
							Ensino de História e Cultura Regional

Fonte: Plataforma Sucupira, 2016. Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>>.

O Quadro 2 está ordenado tomando como base a data de criação das linhas que tratam do Ensino de História nos PPGHs listados. Estas datas foram obtidas através da Plataforma Sucupira. As mais antigas foram confirmadas junto ao próprio PPGH que a abriga.

Essa cronologia da criação das linhas de pesquisa que abordam o Ensino de História nos indica que a primeira linha da subárea é a do PPGH de UFPB que data do momento da instalação do programa em 2005. Em 2007 o PPGH da UEL também se inicia com uma linha voltada ao tema do Ensino de História. A terceira linha surge em 2008 no processo de reformulação do PPGH da UFG. Podemos qualificar estes três programas como pioneiros na identificação deste campo temático como objeto da Área de História. Essa sequência e ritmo de criação permite inferir que, naquele momento, o tema do ensino possuía um lugar ainda pouco expressivo nos programas em História, apesar de poder possuir uma produção intelectual significativa.

Esta condição se altera nos anos seguintes, quando a criação de linhas se acelera. Em 2012 surge uma linha na reestruturação do PPGH da UFMT e ocorre a criação do PPGH da FURG, o primeiro a ter o tema do Ensino de História como área de concentração. No ano de 2013 surgem 5 PPGHs com linha sobre Ensino de História. Os PPGH da Unirio e da UERJ fazem sua reestruturação abrindo cada qual a sua linha voltada ao Ensino de História. No mesmo ano foram abertos três PPGH tendo o Ensino de História como área de concentração: UCS, UFRB, UEMA. No ano de 2014 é criado o mestrado em rede ProfHistória reunindo 12 IES e tendo o Ensino de História como área de concentração. Em 2014 foram abertos os PPGHs da UFV e da UFG (Campus de Catalão) que também têm o Ensino de História como área de concentração. No ano de 2015 os PPGHs da UFCG e da UFRPE se reestruturaram criando novas linhas voltadas ao Ensino de História.

Essa cronologia nos leva a concluir que há um crescimento muito expressivo de linhas de pesquisa sobre o Ensino de História. Dos três primeiros programas com linhas no quadriênio 2005-2008 passamos para o quadriênio 2012-2015 com a criação de linhas de pesquisa em 23 PPGHs. Mesmo expurgando o impacto das 12 instituições em rede do ProfHistória, são 11 programas a mais nesse

quadriênio, o que é muito expressivo na constituição da área. Esse ritmo pode ser interpretado por diferentes pontos de vista, todos eles referidos a fatores contextuais.

Um deles é o incremento na formação de quadros de pesquisadores no campo e a expansão das universidades possibilitando seu ingresso, especialmente as federais, o que é um fenômeno que coincide com o período examinado. O crescimento de teses e dissertações sobre o Ensino de História atesta esse incremento. A ampliação dos quadros nas universidades brasileiras, tanto na graduação quanto na pós-graduação, é de conhecimento público entre os anos de 2003 e 2014, ainda a ser consolidado como objeto de estudos.

No conjunto de políticas que foram implementadas durante esse período houve o desenvolvimento de uma forte política de indução promovida pela Capes. A criação da Diretoria de Educação Básica no interior da Capes, no ano de 2009, materializou a intenção dessa agência reguladora em induzir a pós-graduação a observar a educação básica como tema de pesquisa e espaço de atuação. Uma das estratégias foi indicar aos programas o interesse por pesquisas voltadas ao ensino através de editais específicos, a exemplo do Pibid e do Observatório da Educação. Mas indicativos também foram dados nos relatórios das comissões de avaliação dos PPGHs. Um estudo comparativo com outras áreas do conhecimento (como Matemática, Física, Letras...) poderá evidenciar esta hipótese sobre o crescimento do interesse pela pesquisa do ensino não apenas no campo da história, mas nas diferentes áreas científicas.

Os interesses do Ensino de História

O crescimento das linhas de pesquisa ligadas a esse campo de investigação nos dá testemunho do crescente interesse nos objetos do Ensino de História no interior dos PPGHs. Esse fenômeno nos faz perceber a emergência e a consolidação do que estamos nomeando como “Subárea do Ensino de História” no interior da “Área de História.” Esse crescimento evidencia que o tema do Ensino de História recebe o interesse de um conjunto cada vez maior de

historiadores. Cabe, portanto, percebermos que objetos do campo da pesquisa histórica são incorporados nesse campo de interesse.

Uma observação preliminar pode indicar que as investigações nomeadas pelo termo “Ensino de História” têm objetos particulares tais como: os processos de ensino e aprendizagem dos conhecimentos históricos no ensino formal ou não; as formas de apropriação do conhecimento histórico nos espaços de memória que realizam o ensino informal; os meios de difusão e propagação da história pública; os agentes que atuam ou atuaram com mediadores culturais visando divulgar a História através de algum canal específico de comunicação, com destaque para alguns dos usos possíveis do passado.

Para verificar esta hipótese inicial construímos o Quadro 3 a partir das descrições das Áreas de Concentração e das Linhas de Pesquisa identificadas no Quadro 2 como ligadas ao Ensino de História. Entendemos que estas descrições não dizem sobre as pesquisas que efetivamente se desenvolvem no interior da linha. Antes elas são a fala dos docentes desta linha sobre o que estes definem como seu campo de interesse. Desta forma as descrições das áreas e linhas manifestam as intenções de pesquisa dos docentes da Pós-graduação em História para a Capes e para a comunidade acadêmica.

Para a construção do Quadro 3 as descrições das áreas de concentração e linhas de pesquisa foram agrupadas como um texto único. Após foi realizado o processamento do texto através de *software* de identificação da frequência das palavras no texto. Excluindo as palavras que tem função conectiva (como artigos e proposições) chegamos ao sumário dos termos mais recorrentes nas descrições que abordam o Ensino de História.

No Quadro 3, portanto, apresentamos o *sumário de termos recorrentes* nas descrições das áreas de concentração e das linhas de pesquisa que abordam o Ensino de História. Para dar maior consistência analítica estes termos foram reunidos em *Grupos* numerados de termos correlacionados. Para evidenciar sua relevância apresentamos o número de ocorrências do termo no conjunto de descrições. Mas também foi isolado o *número de descrições* em que o termo aparece dentro do recorte de 4 áreas de concentração e 22 linhas de pesquisa já apresentadas no Quadro 2. Para evitar uma

sobrevalorização do programa em rede ProfHistória estamos considerando suas descrições, que se repetem em 12 instituições, como sendo uma única proposta, assim, apontamos o *nº de programas* em que o termo ocorre, tomando o total de 15 PPGHs.

Quadro 3 – Sumário de termos recorrentes nas descrições das áreas de concentração e das linhas de pesquisa que abordam o Ensino de História

Grupos	Termos recorrentes	Nº ocorrências	Nº descrições 4 Áreas e 22 Linhas de Pesquisa	Nº programas 15 PPGHs
Grupo 1	Ensino	75	21	14
	Ensino de História	47	19	14
	Educação	16	11	8
Grupo 2	Cultura	45	12	12
	Cultural	19	6	6
	Culturais	4	4	4
Grupo 4	Prática (educativa)	35	13	10
	Professor/es	14	10	9
	Formação (docente)	16	11	9
Grupo 3	Escola/ escolar	36	14	11

Grupo 5	Espaços	23	12	9
	Histórico/a	42	16	10
Grupo 6	Memória	25	9	9

Fonte: *Websites* dos programas de pós-graduação selecionados no Quadro 2.

O Grupo 1 de termos sumarizados das descrições de áreas e linhas evidencia que o termo mais recorrente é justamente “ensino” e “Ensino de História” ao mesmo tempo que diz da menor recorrência do termo como “educação.” Considerando que nosso recorte inicial de pesquisa buscou as descrições de áreas e linhas que se referissem ao Ensino de História pode parecer natural que o termo “ensino” seja o mais recorrente. Ele tem 75 ocorrências – sendo que em 47 destas aparece na expressão “Ensino de História” – em 21 das 22 linhas de pesquisa e 14 dos 15 programas aqui recortados.

Isso posto temos que apenas o PPGH da UFV prefere utilizar o termo “educação” para nomear o objeto teórico de que trata. Ainda assim, o faz adjetivando o termo com “educação patrimonial” e “educação ambiental” para expressar que sua linha de pesquisa investiga o emprego de metodologias de ensino específicas a estes objetos.

Essa grande preponderância do termo “ensino” não deve ser tomada como algo trivial ou óbvio. Estes termos são utilizados para a nomeação de um campo de investigação, para designar o recorte de um objeto teórico no interior do campo acadêmico o que, indiscutivelmente, é uma estratégia da disputa simbólica.

Considerando o caráter de opção da nomeação voltamos a lembrar que o termo “ensino” é utilizado atualmente de forma genérica por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento para distinguir o debate que fazem sobre as práticas pedagógicas de sua área. Como vimos antes, a Área de Ensino da Capes é constituída, sobretudo, por programas ligados ao campo das ciências da natureza. Mas, esta também é uma tendência em História.

66 Durante o século XX, a produção acadêmica sobre os processos ensino-aprendizagem dos conhecimentos acadêmicos, no que se refere à História, foi denominada por “Didática de História” ou “Metodologia do Ensino de História” enfatizando os aspectos técnicos desse ensino, conforme Rocha (2015).

Contudo, a análise das descrições das áreas e linhas recortadas por esta análise nos evidencia que, nos PPGHS, a nomenclatura amplamente utilizada para designar esse campo de investigação tem sido “Ensino de História”. Entendemos que isso se deve ao esforço dos pesquisadores da subárea para conferir centralidade ao conhecimento histórico que orienta esse ensino, mais do que aos aspectos técnicos de seu ensino. Entretanto, é necessária a permanente consideração de que o conhecimento histórico que se ensina na escola ou em outros espaços sociais se diferencia em cada um deles, de acordo com a cultura institucional e as necessidades sociais e públicas a que atende, exigindo a consideração da complexidade desse processo de ensino, para além do conhecimento específico que se ensina e aprende.

Portanto o termo “ensino” utilizado na Área de História se refere tanto ao objeto de pesquisa como à aplicação das abordagens teóricas e metodológicas do campo historiográfico a este objeto. Não excluindo o princípio da interdisciplinaridade que marca o campo da história, a conclusão que se coloca nesse Grupo 1 de termos é que a prevalência da nomenclatura “Ensino de História” nas descrições das áreas e linhas de pesquisa sugere o enfraquecimento de uma percepção mais técnica das práticas relativas ao ensino e a valorização maior do conhecimento disciplinar que é alvo desse ensino. O objeto ensino – ou didática – de que se fala nas descrições diz respeito ao objeto de pesquisa em si, mas também enuncia as abordagens teóricas e metodológicas mais gerais que o analisam.

O Grupo 2 de termos recorrentes nas descrições das áreas e linhas de pesquisa é o conjunto “cultura, cultural, culturais” com 45, 19 e 4 ocorrências respectivamente. Somados, estes termos aparecem em 12 descrições de 12 programas diferentes. As exceções aqui são as linhas da UEL, UERJ e UFMT. Essa recorrência evidencia que o conceito de cultura, como ferramenta intelectual, se configura como instrumento relevante para compreender tanto o que se passa

no âmbito do ensino escolar da história como para compreender os processos de difusão do conhecimento historiográfico por meio de diferentes instituições de memória.

Uma hipótese a ser confirmada por uma análise mais detalhada da produção acadêmica destas linhas é que as áreas e linhas de pesquisa voltadas ao ensino da história possuem um diálogo próximo ao campo da história cultural. Podemos sugerir que noções e conceitos oriundos da História Cultural (BURKE, 2008; PESAVENTO, 2003) são mobilizados com forte valor heurístico para a pesquisa no Ensino de História como subárea da História, propiciando a ampliação do horizonte da pesquisa histórica nessa subárea.

Sabemos que o reconhecimento das representações e práticas sociais como objeto de investigação proposto pelo movimento da História Cultural permitiu a emergência de inúmeros objetos de pesquisa. Utilizando o aporte das representações culturais, a percepção do campo simbólico abriu espaço aos estudos dos processos de difusão da memória social em instituições como os museus e o patrimônio cultural (HARTOG, 2013). Já os estudos sobre as práticas de leitura (CHARTIER, 1999) contribuem para a investigação dos processos de transmissão social do conhecimento escolar, especialmente no que se refere aos materiais impressos e à mediação que ocorre da produção à recepção dos mais diferentes bens simbólicos mobilizados pelo ensino, como os museus (RAMOS, 2004).

O terceiro termo mais recorrente nas descrições das áreas e linhas de pesquisa ligadas ao Ensino de História é “escola/r” com 36 ocorrências em 14 linhas de 11 PPGHs. Paralelo a este temos o termo “espaços” com 23 ocorrências em 12 linhas de 9 PPGHs se referindo aos equipamentos difusores de versões do passado. Correlacionados, os termos “escola” e “espaços” manifestam o interesse de 14 PPGHs pelos lugares onde se dá a transmissão do conhecimento histórico para o conjunto da sociedade ou para grupos sociais específicos. Juntos, estes dois termos descrevem os lugares privilegiados para a observação dos processos de Ensino de História: a escola e os lugares de memória. A exceção aqui é o PPGH da UFCG que descreve que o ensino deve ser observado nas relações sociais.

O lugar “escola” é conhecido como instituição social de transmissão do conhecimento sistematizado, como lugar de formação

de identidades sociais, onde o conhecimento histórico tem, historicamente, seu lugar na construção do sujeito político do tempo presente. O ensino formal de história na escola é, portanto, um objeto de forte interesse nas descrições. Mas ao lado da escola coexiste o interesse pelo conjunto de “espaços” educativos informais. Especial destaque neste contexto ganha o termo “patrimônio/patrimonial” que, com 15 ocorrências, está presente em 7 PPGHs.

Os lugares de institucionalização da memória – como sítios históricos, museus, espaços públicos – bem como os meios de comunicação de massa – difusores da história pública – também são objeto de investigação da subárea de Ensino de História por se constituírem em lugares onde o conhecimento histórico se difunde, onde se percebe a construção de representações do passado.

O Grupo 4 reúne o termo “prática” que, com 35 ocorrências, aparece na descrição de 10 programas, ou seja, dois terços do recorte observado. O termo “prática” aparece sempre remetendo, explicita ou implicitamente, às ideias de “prática pedagógica,” “prática docentes,” “prática de ensino” ou “prática escolar.” Ou seja, o termo “prática” é utilizado para designar o ato de ensinar evidenciando o fazer do profissional de história (seja ele professor ou não), sendo o principal foco de interesse para as pesquisas nos PPGHs.

Entretanto as linhas de pesquisa que se dedicam às práticas não deixam de conferir atenção a outros aspectos da formação tais como os saberes acumulados pelo docente e sua experiência de pesquisa, termos que habitualmente aparecem juntos. Algumas vezes a prática está referida a algo mais amplo, como prática cotidiana, prática social, ou prática artística.

Essa preocupação com a prática também se relaciona ao termo “formação” que tem 16 ocorrências aparecendo em 11 linhas de 9 PPGHs. Este termo, na maioria das vezes, refere-se à formação do “professor/es” que tem ocorrência em 14 descrições de 9 programas. Isso nos aponta para a estreita relação que a subárea de Ensino de História estabelece entre o desenvolvimento da reflexão teórica e analítica e a qualificação da atividade profissional do professor. Ou seja, aparentemente a subárea se preocupa em estabelecer relação entre teoria e prática, como uma exigência do mundo contemporâneo para o campo acadêmico. Por conseguinte, os pesquisadores dessa

subárea se esforçam para converter suas pesquisas em tecnologia social capaz de provocar mudança qualitativa das relações sociais e das instituições que estudam.

O quinto termo mais frequente nas descrições é o adjetivo “histórico/a” que, com 42 ocorrências, qualifica objetos teóricos das descrições de 16 áreas e linhas em 10 PPGHs. Neste sentido vemos o interesse de pesquisa em objetos amplos como a cultura histórica e o saber histórico de professores e alunos. Também há menções a objetos como fonte histórica e temáticas históricas e o uso de conceitos consolidados na Área de História, como os de narrativa histórica e de conhecimento histórico.

Entendemos que a presença significativa do adjetivo “histórico” qualificando vários objetos teóricos reforça a percepção de que as pesquisas da subárea desejam ser reconhecidas como um desdobramento da pesquisa histórica. Por outro lado, podemos entender que, ao utilizar os objetos adjetivados com o termo “histórico/a”, as investigações focam o que podemos aqui chamar de pensamento histórico. Buscam estudar as diferentes ferramentas e instrumentos que permitem ao sujeito dos processos educativos reconhecer o impacto da dimensão temporal na sua experiência cotidiana. Estes adjetivos denotam a preocupação com essa forma própria de observar e entender o mundo social que (só) o reconhecimento da dimensão histórica possibilita.

Essa preocupação com a qualificação do pensamento histórico também se manifesta no último termo que tem destaque nas descrições das áreas e linhas. O termo “memória” tem 25 ocorrências e está presente nas descrições de 9 PPGHs. Ele aparece em contextos que remetem tanto a sua dimensão individual como coletiva e social, evidenciando que a complexidade dos estudos da memória, bem como sua relevância na constituição das identidades contemporâneas, se reflete nos estudos da subárea do Ensino de História.

Podemos dizer que o tema da memória também tem mostrado potencial heurístico para as pesquisas da Subárea do Ensino de História. Observa-se interesse pela constituição identitária a partir do ensino da história em sua relação com a memória histórica. Do mesmo modo, o exercício dos direitos e deveres de memória

apresenta elementos instigantes em diferentes temas relativos ao Ensino de História.

Se aceitamos a tese de Le Goff (1990) que a memória social é uma dimensão do mundo social que mantém autonomia frente ao conhecimento científico produzido na academia, seja pela historiografia, seja pelas demais disciplinas da grande área das humanidades, poderíamos dizer que a subárea de Ensino de História pode ter a memória como elemento articulador de suas problemáticas, sua transmissão e suas instituições, suas versões e suas resultantes. Ao investigar a prática profissional em lugares de institucionalização da memória – como escolas e museus – as pesquisas dessa subárea estão se ocupando em perceber como o conhecimento acadêmico sobre o passado das sociedades é difundido no tempo presente; como a produção historiográfica se transforma em história pública; como a memória e a história informam o conhecimento escolar em sua constituição.

A observação sobre os termos recorrentes nas descrições das áreas de concentração e linhas de pesquisa que abordam o Ensino de História nos permite apontar que a pesquisa histórica, tal como compreendida dentro da tradição historiográfica (FERREIRA, 2013), está ocupada em investigar os vestígios do passado e produzir narrativas sobre esse passado. Já a pesquisa sobre o Ensino de História utiliza as ferramentas teóricas e o quadro conceitual da história para investigar formas diversas de circulação das narrativas sobre o passado na sociedade do presente, entre seus agentes e em suas instituições.

As constelações de temas e abordagens das pesquisas

Especialmente nesta seção vale recuperar nossa advertência sobre a provisoriade do levantamento e das conclusões que ora apresentamos. Para a análise que segue coletamos dados junto aos Currículos Lattes dos docentes dos programas ligados às linhas de pesquisa listadas no Quadro 2. Neles coletamos apenas os títulos das orientações de mestrado e doutorado, em andamento e concluídas, voltadas ao tema do Ensino de História entre os anos de 2000 e 2015.

A essa extensa massa de títulos decidimos conferir um tratamento de organização tipológica. Toda tipologia é arbitrária. Assim, o que foi organizado de uma forma, poderia tê-lo sido de outra. Para analisar os títulos e inferir categorias que seriam os títulos dos grupos temáticos, procuramos considerar as regras de funcionamento do próprio campo do Ensino de História como balizas e, na medida do possível, especialmente os temas e abordagens privilegiados pelos pesquisadores. Também procuramos reconhecer a que grupo de temas de pesquisa o título remetia, dentro das áreas de pesquisa já reconhecidas.

A partir desse conjunto de procedimentos organizamos 14 tipos de temas nos títulos de projetos de pesquisa, dissertação ou tese. Esses tipos possuem naturezas diferenciadas. Alguns são temas, outros indicam grupos temáticos, outros ainda sugerem estratégias de pesquisa. A frequência de trabalhos foi muito variada, conforme se pode deprender do Quadro 4:

Quadro 4 – Tipologia de pesquisas sobre o Ensino de História

Ordem	Temática de pesquisa	Ocorrências
1.	Abordagem de Conteúdos de História Escolar	50
2.	Espaços de memória, educação patrimonial	45
3.	Metodologias e linguagens no Ensino de História	44
4.	História da Educação	35
5.	Teoria da História e Ensino de História	29
6.	Fontes Históricas no Ensino de História	21
7.	Outros (educação, política, memória)	20
8.	História da formação e práticas docentes	18
9.	Narrativas (docentes, discentes, de grupos étnicos)	16

10.	Educação Histórica	14
11.	Currículo	13
12.	Livro didático	07
13.	História do Ensino de História	06
14.	Políticas Públicas	06
Total		324

Fonte: Currículo Lattes dos orientadores das linhas de pesquisa selecionados no Quadro 2.

O Quadro 4 foi organizado conforme a frequência dos temas (da maior para a menor) para informação inicial ao leitor. Cada grupo temático possui identidade própria, apesar de, algumas vezes, um título sugerir filiação a mais de um grupo. Para efeito de análise, utilizamos uma linguagem figurada para as aproximações e distanciamentos entre os grupos temáticos desta lista. Reunimos os grupos que dialogam, ou têm aspectos de identidade entre si, em constelações temáticas.

Algumas constelações reúnem vários grupos de diferentes expressões, como é o caso da grande constelação das Histórias, e outras reúnem um grande grupo, expressivo pela quantidade de seus trabalhos, e que agrega em torno de si outros pequenos grupos, como é a constelação das Abordagens de Conteúdos de História. Vejamos a descrição dessas constelações.

A grande constelação das histórias

Um primeiro agrupamento dos tipos identificados nas pesquisas reúne os temas: História da Educação, Teoria da História e Ensino de História, Narrativas, História da Formação e Prática Docente e História do Ensino de História. Dos 324 trabalhos de pesquisa, 104 constituem trabalhos desta constelação que mantém estreita aproximação à tradição disciplinar da área em aspectos teórico metodológicos.

O maior grupo é o da História da Educação, com 35 trabalhos em 11 instituições. O nicho da história da educação guarda especificidades em relação à história do Ensino de História, como veremos a seguir. Os trabalhos versam sobre aspectos da história da educação, como a história da escolarização, incluindo a história intelectual e biografias de educadores.

A História do Ensino de História, com apenas 6 recorrências em duas instituições, apresenta especificidade em relação à História da Educação. Organiza as pesquisas e confere importância às características curriculares da disciplina História em determinados períodos, aproximando a História do Ensino de História da história das disciplinas escolares e dos debates acerca da história da didática desta disciplina.

Um grupo de pesquisas mais heterogêneo desta constelação foi denominado de Teoria da História e Ensino de História, sendo composto de trabalhos de naturezas diversas e totalizando 29 trabalhos, também em 11 instituições. Pode ser caracterizado como de Teoria da História e Ensino de História. São trabalhos que enxergam o Ensino de História como uma expressão do conhecimento histórico e o abordam com os referenciais teóricos da História. Dessa maneira, problematizam a conceitualização do tempo e do espaço na mediação desse conhecimento, visualizam na história escolar um dos usos possíveis do passado, e procuram ainda extrapolar, para além do espaço escolar, a compreensão do “ensinar a história.” Nesse sentido, há trabalhos que examinam a abordagem do tempo histórico ou das noções de passado, presente e futuro em livros didáticos, em aulas de História ou ainda na educação indígena, evidenciando a potencialidade da problemática do tempo no âmbito do ensino e da aprendizagem.

Uma parte menor parte dos trabalhos desse grupo temático se inspira na teoria germânica da consciência histórica de Jörn Rüsen. Uma parcela dos trabalhos sobre narrativas se relaciona diretamente com essas pesquisas, que as utilizam como expressão da consciência histórica dos sujeitos. O grupo temático das Narrativas, presente em 6 instituições, tangencia o grupo de Teoria e Ensino de História, pois as narrativas, em especial as discentes, são mobilizadas como forma de expressão dos sujeitos.

O grupo História da Formação e Práticas Docentes, com 18 recorrências em 8 instituições, também reúne trabalhos de dois tipos. Um deles é mais especificamente de história. Especialmente das instituições superiores de formação de professores de história. São exemplo deste grupo pesquisas sobre a formação de professores de Estudos Sociais em determinadas instituições, durante o governo militar. O outro grupo visa tratar da especificidade de práticas na formação do docente de História, menos de sua historicidade, voltando-se para práticas existentes na organização curricular ou didática de determinados cursos.

A constelação dos espaços de memória e o Ensino de História

A constelação das histórias ainda poderia abarcar alguns trabalhos estabelecidos na dos espaços de memória. Aqui estão 45 pesquisas em 10 instituições sobre história de localidades e de municípios, além da história de instituições, especialmente educacionais. Tais pesquisas também observam proximidade aos passos do trabalho do historiador no que se refere à crítica, aos métodos e às fontes. Mas, como veremos a seguir, aspectos memoriais e identitários, bem como a importância que ganha a metodologia da educação patrimonial, conferem a essa constelação a sua especificidade e evidenciam que a subárea possui peculiaridades em sua aproximação com o universo educativo que a justificam como região de fronteira.

A concentração mais expressiva de trabalhos em algumas instituições sugere a existência diferenciada, em alguns lugares, de uma cultura de valorização do patrimônio local que ecoa na universidade. Também é de se registrar a predominância desses trabalhos nos mestrados profissionais, em relação aos acadêmicos. Tal predomínio sugere que a valorização da escola como espaço de cultura, dos bens culturais da cidade e ainda, da educação patrimonial como uma necessidade e alternativa educativa no Ensino de História prevalece entre as preocupações de professores, ao buscar continuar sua formação no mestrado. Uma parte desses trabalhos

se volta para a escola e sua cultura, reconhecendo a especificidade do que acontece ali e sua influência no Ensino de História. Outros, valorizam escolas centenárias, procurando registrar sua história.

Outra parte, mais expressiva, valoriza espaços institucionais da cidade, lugares de memória que são considerados relevantes para o ensino da história local. Alguns são espaços tradicionais e já reconhecidos, outros possuem valor para determinadas comunidades e o trabalho visa reconhecer esse valor para além dos limites dessa comunidade. Nesse sentido, um aspecto a destacar é o apelo ao valor da memória para o estabelecimento da importância dos lugares e dos efeitos de seu reconhecimento e valorização na constituição de identidades relacionadas a tais lugares. São exemplos desse tipo de trabalho presentes no corpus examinado os que se voltam para os quilombos espalhados pelo Brasil, no momento atual de valorização memorial da história e cultura negra.

A constelação das metodologias

Apesar de não assumidas com esta nomenclatura, as pesquisas sobre metodologias de ensino estão presentes em 44 trabalhos de 11 instituições. Mas, com os agrupamentos de temas que faremos abaixo, elas serão percebidas em número de 70, em 11 instituições.

Este grupo temático é maior, quantitativamente, nos mestrados profissionais, o que se justifica pelo caráter relacionado à prática profissional destes cursos. Entre os programas de natureza acadêmica, o único que dedica um número expressivo de trabalhos ao grupo temático que denominamos de metodologia é o PPGH da UEL, onde foi possível registrar 10 trabalhos neste grupo, entre 39. Nesse caso específico, a abordagem da Educação Histórica é privilegiada para tratar das metodologias, o que vai aproximar dessa constelação o grupo da Educação Histórica, mesmo considerando suas especificidades. Se observarmos as 4 universidades que estabelecem essa relação, entre Educação Histórica e Metodologias, elas registram 14 pesquisas relativas ao item 10 (Educação Histórica) do Quadro 4 que fazem parte de títulos que também tratam de metodologias de ensino.

Outra relação bastante forte dentro desta constelação é o uso de fontes no Ensino de História, registrada em 21 trabalhos de 7 instituições. Neste caso, as fontes se constituem não como abordagem mas como especificidade do trabalho do historiador que é mobilizada para o Ensino de História. A fonte aqui é vista como recurso didático específico para produzir ensino e aprendizagem de conteúdos de História, contribuindo para a constituição do pensamento histórico.

Os trabalhos que tratam de metodologias e que não se referem à educação histórica e nem ao uso de fontes trazem um conjunto heterogêneo de temas para as pesquisas do Ensino de História. Podemos qualificá-los como trabalhos que se interessam pela potencialidade de diferentes linguagens, além das verbais, presentes em diferentes produtos culturais. Trabalham com a ideia de potencialização do uso de bens culturais que estão presentes na vida cotidiana, povoada pelas imagens e pelas tecnologias, bem como pela arte. Evocam, por exemplo, o uso de imagens no Ensino de História, não necessariamente de fontes. E entre as imagens, o uso do cinema, bem como do teatro. Como abrangem uma diversidade de linguagens, buscam referenciais nos campos relativos a tais linguagens, bem como mobilizam o aporte da história cultural e da teoria da leitura para seus empreendimentos.

A constelação da abordagem de conteúdos da história escolar

Já há algumas décadas, mesmo antes do estabelecimento da pesquisa sobre o Ensino de História na pós-graduação, existem conteúdos curriculares de história que interessam ao pesquisador de história, em busca de saber como ocorre sua abordagem didática. Mantendo-se nessa linha de preocupação, 57 pesquisas em 11 instituições agregam um conjunto de trabalhos em que predominantemente ocorre a análise de abordagens sobre certos temas, em determinados suportes: livros, filmes, jogos etc.

Considerando o corpus de 50 títulos de pesquisas de 11 instituições, na atualidade os conteúdos mais visitados pelas pesquisas são os relativos à história da África, dos povos africanos e afrodescendentes.

Em segundo lugar está pesquisa sobre a abordagem da ditadura militar no Brasil. Depois destas recorrências há pesquisas sobre os temas mais diversos. Vê-se que as temáticas de interesse para essa análise variam e se definem de acordo com determinados marcos, como legislações que respondem a anseios e impactam o currículo e o ensino, tal como a lei 10639/2003, ou o registro de efemérides, eventos comemorativos ou traumáticos tal como a ditadura militar que completou recentemente 50 anos de seu início.

A estrutura dos títulos desses trabalhos oferece a informação que a maioria deles, 45 mais especificamente, utiliza o livro didático como fonte de sua pesquisa sobre a abordagem do conteúdo em questão. Mas, não nos permite deduzir que sejam pesquisas sobre o livro didático, pois tanto podem considerá-lo em sua complexidade de objeto cultural e didático, sujeito às regras postas no e ao mundo editorial, no jogo de produção e recepção da leitura, quanto restringir-se apenas à análise da abordagem do conteúdo em questão. Como o que se busca são materiais em que estes conteúdos se apresentem de forma didatizada e de uso consolidado, os livros didáticos se mostram uma fonte por excelência. Além disso permitem compreender como um mesmo conteúdo é reelaborado através do tempo, pelas sucessivas edições de um mesmo livro, ou a partir da comparação de obras diversas, em períodos diversos.

Não considerados nesse grupo, mas agregados na constelação pela proximidade com a fonte, há um outro grupo, menor, de 7 pesquisas em 4 instituições, que se interessam pelo livro didático de história sob outros aspectos. Estão entre os temas: a escolha do livro didático de história realizada pelo professor, a presença de imagens ou de músicas no livro didático de História, o livro didático de História dedicado a determinado nível de ensino. São outros recortes, também sujeitos a outras exclusões e inclusões de problemáticas, tal como no grupo anterior.

Uma outra fatia bem menor na constelação da abordagem dos conteúdos de História, visa a abordagem desses conteúdos em outros suportes, que não o livro. Das 50 pesquisas que tratam de determinados conteúdos em filmes e na literatura, 5 aproximando-se de um interesse por diferentes linguagens na interface com o currículo de História. Tal interesse encontra similitude no âmbito

da história cultural, quando ocorre a produção de trabalhos na História na interface com a literatura e com o cinema, para mencionar apenas algumas formas de expressão artística.

A pesquisa sobre o Ensino de História em perspectiva

A partir dos objetivos estabelecidos para o artigo, podemos afirmar que o tema do ensino se estabelece como uma vertente de pesquisa no interior de programas de Pós-Graduação em História com características, objetos e abordagens próprias, que conferem a ele sua especificidade na Área de História. A entrada no século XXI correspondeu a mudanças significativas nas políticas públicas para a educação e ciência no Brasil, o que propiciou a ampliação significativa de linhas de pesquisa em programas de Pós-Graduação em História já existentes, bem como a criação de diversos programas de mestrado profissional que criaram linhas de Ensino de História. Se examinarmos mais de perto algumas, entre outras políticas públicas referidas, veremos que a criação da Diretoria de Educação Básica da Capes sugeriu às universidades e programas de pós-graduação a criação de uma nova direção para a pós graduação. Qual seja, a preocupação com o fortalecimento do ensino básico também no âmbito da produção de conhecimento sobre ele e formação inicial e continuada de seus quadros.

A análise das descrições das linhas de pesquisa que tratam do tema do Ensino de História nos mostra alguns de seus interesses gerais. O primeiro deles é a ampla aceitação do termo “Ensino de História” para designar este campo de pesquisa no interior da área de história e a influência do conceito de cultura no seu interior. Isso aponta para a construção de uma identificação dos pesquisadores que transitam na área. A recorrência desse termo nas linhas de pesquisa dos PPGHs evidencia não somente a delimitação de um tema ou abordagem de pesquisa, mas o reconhecimento acadêmico da legitimidade de um objeto de pesquisa que está, há décadas, submetido a diferentes nomeações.

As linhas de pesquisa também nos permitem perceber o amplo interesse pelos estudos que focam nos espaços onde ocorrem os processos de ensino. Seja o espaço formal da escola, sejam os espaços de ensino informais como museus e sítios arqueológicos. Ou seja, o campo do Ensino de História manifesta um interesse pela percepção dos processos de transmissão do conhecimento histórico para setores mais amplos da sociedade e sua relação com a memória social.

No exame preliminar e provisório da constelação de temas recorrentes nas dissertações, teses e projeto de pesquisa dos programas, destacaram-se pesquisas que já se delineavam como preocupações no campo do Ensino de História desde o século XX e outras mais atuais, impregnadas por questões de nosso presente e respondendo a direcionamentos postos pelas próprias linhas de pesquisa que se estabeleceram nos programas.

Na grande constelação das histórias temos as pesquisas que dialogam mais proximamente com a área da História, seus métodos, fontes e problemáticas. As discussões sobre teoria da história voltadas para o ensino demonstram que seus proponentes refletem sobre teoria da História, mas pensando-a no Ensino de História. O mesmo paralelo vale para a historiografia e para os estudos biográficos, bem como para a história institucional ou intelectual.

Na constelação dos espaços de memória e educação patrimonial, ocorre uma diferenciação em relação à primeira. Existe, por um lado, a preocupação com a constituição da história de lugares de memória: cidades, escolas, espaços institucionais, que poderiam fazer parte da primeira constelação (na verdade fazem a ponte da primeira para esta segunda). Por outro lado, existe a preocupação com aspectos sutis desses locais e seus habitantes, na relação objetiva e subjetiva que se estabelece entre as pessoas e os espaços que habitam. Por conta disso, a memória e a identidade passam a constituir a marca da patrimonialização desses espaços, propiciando o estabelecimento de propostas de educação patrimonial.

A constelação que reúne os trabalhos que tratam de abordagens sobre conteúdos do currículo de história possui certa tradição, por procurar já há algum tempo responder à indagação de como um conhecimento histórico é tratado e transformado em sua abordagem

escolar. No corpus de títulos examinados, privilegia em especial os livros didáticos para responder a essa pergunta, e vem elegendo temas que possuem relevância pessoal ou social. Com preocupação semelhante, outros produtos culturais têm sido examinados como mediações no uso do passado.

Com uma preocupação específica com a didatização como um uso específico do passado, a constelação dos trabalhos sobre metodologias de Ensino de História buscam construir abordagens sobre a mediação didática na escola com referenciais próprios da história, de diferentes formas. Assim, uma parte deles se apoia nos referenciais da Educação histórica, outros se voltam para as possibilidades do trabalho com documentos na aula de História e outros ainda, especialmente considerando aproximações com teorias da linguagem ou com a história cultural, se voltam para as potencialidades das linguagens no Ensino de História.

Dessa maneira, é possível perceber dois movimentos importantes nos indícios presentes nos títulos desses 324 trabalhos. Primeiramente, a busca de afirmação de seu pertencimento à área de História. Em segundo lugar, a marca de sua especificidade. São trabalhos sobre o Ensino de História.

Nessa descrição muito sucinta podemos dizer que as pesquisas que utilizam o termo “Ensino de História” utilizam conceitos e abordagens da “História” na sua interface com a área de Educação. Se constituem assim como abordagens teórico-metodológica particular para os estudos históricos posto que investigam menos o passado em si e mais os processos de formação da percepção do tempo social pelos sujeitos, o que também guarda sua historicidade. Essa interface não deve ser perdida, pois constitui parte significativa da especificidade do campo do Ensino de História.

As pesquisas sobre o Ensino de História, antes de sua constituição como linhas na área de História, já ocorriam na área de Educação, atendendo aos pressupostos e problemáticas daquele campo. Agora, nesses últimos quinze anos, elas começam a ganhar densidade e volume na área de História, visando contribuir, também, para qualificação do Ensino de História na Educação Básica. Considerando a antiguidade das primeiras linhas de pesquisa com a

denominação de “Ensino de História,” bem como sua expansão nos últimos anos, percebe-se que também o número de pesquisadores cuja produção trata do “Ensino de História” vem se ampliando de forma sensível.

Em síntese, o conjunto coletado nessas bases de dados – muito embora sua precariedade e transitoriedade – evidencia que o termo “Ensino de História” é cada vez mais utilizado pela comunidade acadêmica para designar um campo de investigação produtivo, com preocupações atinentes à Área de História, em diálogo com áreas afins. Esse conjunto nos permite concluir que o “Ensino de História” já se constitui como uma subárea do conhecimento científico no Brasil.

WHEN TEACHING BECOMES A RESEARCH SUBJECT: HISTORY TEACHING IN POSTGRADUATE IN HISTORY COURSES

Abstract: The use of the term “History Teaching” as an expression of a research area is observable in different contexts in the national academic field. In this article, we wish to reflect on the emergence and consolidation of what we call the area “History Teaching” within the “History Area”. Our interest is to demonstrate the emergence and growth of the use of the term inside Postgraduate in History courses in the last fifteen years. Based on the data and information from Postgraduate in History Programs available at Sucupira Platform, we carried out the survey and its systematization. We found that History Teaching is a research subject within Postgraduate in History courses, with identifiable characteristics, objects and approaches.

Keywords: History teaching. Postgraduate studies. Research line.

Referências

ABUD, K. M.; ALVES, R. C.; SILVA, A. C. M. *Ensino de História*. v. 1. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

BITTENCOURT, C. M. F. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BOURDIEU, P. A gênese do conceito de habitus e campo. In: _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. p. 59-74.

BRASIL. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). *Plataforma Lattes*. [20--a]. Disponível em: <www.lattes.cnpq.br>. Acesso em: 28 jun. 2016.

_____. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). *Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil*. [20--b]. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/web/dgp>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

_____. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Plataforma Sucupira*. [20--c]. Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

_____. História. *Fundação Capes*, 21 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/component/content/article/44avaliacao/4639-historia>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

BURKE, P. *O que é História Cultural?* Tradução de Sergio Goes de Paula. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CAIMI, F. E. C. *Conversas e controvérsias: o ensino de história no Brasil (1980-1998)*. Passo Fundo: UPF, 2001.

CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador, conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: UNESP/IMESP, 1999.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *A História como ofício: a constituição de um campo disciplinar*. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. *História & Ensino de História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FONSECA, Selva Guimarães; SILVA, Marcos. *Ensinar História no século XXI: em busca do tempo entendido*. 4. ed. Campinas: Papirus, 2014.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: _____. *História e Memória*. São Paulo: UNICAMP, 1990. p. 366-419.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. *Professores de História: entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto: o museu no ensino de História*. Chapecó: Argos, 2004.

ROCHA, Helenice Aparecida Bastos. Linguagem e novas linguagens: pesquisa e práticas no ensino de História. In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; CONTIJO, Rebeca. *O ensino de história em questão: cultura histórica e usos do passado*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2015. p. 97-120.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar História*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2010.

Recebido em: 30/06/2016

Aprovado em: 28/09/2016

